

VERDADE DIVINA

N.º 11



AS DISPENSAÇÕES



SUMÁRIO

Tabela das dispensações	4
Introdução	6
Constantes imutáveis	10
Inocência	12
Consciência	14
Governo humano	16
Promessa	18
Lei	20
Graça	22
Reino	26
Conclusão	28

O objetivo desta revista é edificar, exortar e incentivar cristãos para que sejam mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo.

“Não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo...” Colossenses 1:9-10

Copyright © Verdade Divina, Lauro de Freitas, Bahia, Brasil - www.verdadedivina.com.br

Correspondência pode ser dirigida para o editor pelo e-mail: info@verdadedivina.com.br

Os artigos são traduzidos por Eduardo de Almeida Macedo com a devida permissão de Truth & Tidings.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da tradução João Ferreira de Almeida - Edição Revista e Corrigida, 4ª edição, 2009, Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

AS DISPENSAÇÕES

Andrew Ussher



AS SETE DISPENSAÇÕES	Há 4 ciclos comuns a c	
	1. REVELAÇÃO DE DEUS (PRIVILÉGIO DADO AO HOMEM)	2. RESPONSA HOMEM COMO
1. INOCÊNCIA (Gênesis 1–3) Adão e Eva	Deus se revela como o Criador. Cria o homem à Sua imagem e semelhança e o aloca no Éden, governando sobre a criação (relacionamento/reflexo (identidade)/ governo). Eva é o complemento de Adão (Gênesis 1:26-31).	Viver de acordo c encher e domina e guardar o jard proibição de Deus dependência Dele
2. CONSCIÊNCIA (Gênesis 4–8) Caim e Abel, Enoque e Matusalém	Deus promete uma Semente para esmagar a cabeça da serpente. Enoque profetiza a vinda do Senhor para julgar (Judas v. 14). A santidade de Deus é revelada, mas ainda sem uma lei codificada.	“Fazer bem” (Gênesi de Deus pelos sacr Ele (Gênesis 5:24 consciência reta (R
3. GOVERNO HUMANO (Gênesis 9 - 11) Noé, Sem e Ninrode	Aliança com Noé (eterna - Gênesis 9:16). Promessa de não repetir o dilúvio. Estações garantidas enquanto a terra perdurar. Pavor dos homens posto sobre os animais.	Frutificar, multipl terra (Gênesis 9:1 ser comidos, ma Introdução da p exemplo: governos
4. PROMESSA (Gênesis 12 – Êxodo 11) Abraão, Isaque, Jacó e José	Aliança com Abraão. O Deus da glória aparece a Abrão e lhe promete uma descendência, terra e bênção perpétua, inclusive ao mundo todo através dele. Ele é justificado pela fé.	Deixar Ur, tornar- crer nas prom o sinal da circu nações podem se caminho – Atos
5. LEI (Êxodo 12, Atos 1) Moisés, Juízes, Reis e Profetas	Aliança com Moisés. “A legislação e o culto” (Romanos 9:4). 613 leis (cerimoniais, nacionais e morais), os 10 mandamentos. Sistema sacrificial de ofertas.	Guardar a lei. Isra (Gálatas 3:24-25) “Tudo o que o Se faremos” (Êxodo ou bênção (Deu Guardar o sábado
6. GRAÇA (Atos 2, Apocalipse 3 e 19) Pedro, Paulo	Deus fala “no Filho” (Hebreus 1:1). Graça e verdade vêm por Jesus Cristo (João 1:17). Um Homem na glória, o Espírito na terra. A sabedoria de Deus é Cristo crucificado e ressurreto. Juízo apontado.	Deus ordena AG homens – às naçõ lugar, que se arrepe Pessoas têm a re de crer e obedec (2 Tessalonie
7. REINO (Apocalipse 20) Cristo, Rei, e Sua Noiva, a Igreja	Cristo reina como Rei (Zacarias 14:9): Um reino de Justiça (Isaías 11:4-5). Satanás é preso. Criação libertada, paz global, Israel numa Nova Aliança. A igreja é a plenitude de Cristo (Efésios 1:23).	Obedecer e servi (Isaías 65:20). Pe a Jerusalém (Za prova final do ho anos de paz e go

ada dispensação. Algumas vezes eles se sobrepõem na transição

ABILIDADE (O DESPENSEIRO)	3. A REBELDIA E DESOBEDIÊNCIA DO HOMEM	4. A RETRIBUIÇÃO E JUÍZO DE DEUS AO HOMEM
com o seu papel, ar a terra, lavar lim, obedecer à e reconhecer sua (Gênesis 2:15-17).	As intencionais desobediência, rebelião e rejeição de Adão e Eva ao seu papel diante de Deus. Eles seguem a Satanás e comem do fruto.	Expulsão do Éden. Morte pelo pecado. Maldição sobre a serpente, a mulher, o homem e a terra (Gênesis 3:22-24). Toda a criação sofre.
s 4:7). Se aproximar íficios e andar com (. Viver com uma Romanos 2:13-15).	Caim se rebela e edifica uma cidade. Bigamia praticada. Toda carne se corrompe. Maldade contínua. Os "filhos de Deus" (Gênesis 6:5-12).	Deus envia o dilúvio. O velho mundo e toda carne são destruídos (2 Pedro 3:6). Consciência se mantém.
olicar e encher a (. Animais podem as sem sangue. ena capital (por s – Gênesis 9:5-6).	Recusa em espalhar. Provocação a Deus na federação e idolatria em Babel sob a liderança de Ninrode (Gênesis 11:4; 10:8).	Deus os espalha ao confundir a língua dos edificadores da cidade (Gênesis 11:7-9). Introdução das nações gentias. Governo humano continua.
se um peregrino, essas, aceitar ncisão (outras eguir seu próprio 14:16; 17:30).	A passagem incrédula de Abraão pelo Egito; Ismael nasce de Agar, as falhas de Isaque e Jacó; José traído e vendido.	Escravidão no Egito (Gênesis 15:13). Todos do sexo masculino com mais de 20 anos morrem no deserto, mas a promessa incondicional a Abraão permanece (Gálatas 3:17).
ael sob um tutor . Farás/não farás. nhor tem falado, 19:8). Maldição teronômio 28). (sinal da aliança).	Israel se desvia para a idolatria (Êxodo 32:8). Invalidação da aliança por Israel (Jeremias 31:32). Eles mataram os profetas de Deus. Eles rejeitaram a Cristo: "Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo" (Marcos 12:7).	Cativeiro na Assíria/Babilônia e domínio de Roma sobre o mundo até 70 DC. A lei mosaica é abolida por Deus. "O endurecimento veio em parte sobre Israel" (Romanos 11:25).
ORA a todos os és – e em todo o ndam (Atos 17:30). responsabilidade er ao evangelho censes 1:8).	Apenas poucos são salvos (Lucas 13:23). Cristo rejeitado: o anticristo entronizado. Os homens creem "a mentira" e rejeitam "a Verdade" (2 Tessalonicenses 2:11).	A grande tribulação. Selos, trombetas, taças, terremotos. Cristo retorna em fogo consumidor, tomando vingança contra os que contra os inimigos no Armagedom.
ir ao Rei dos Reis regrinação anual carias 14:16). A omem nos 1.000 overno perfeito.	Após os 1.000 anos, Satanás é solto (Apocalipse 20:7). Aqueles que nasceram no milênio e não se converteram se juntam em uma rebelião mundial contra o Ungido do Senhor.	Fogo dos Céus destrói os rebeldes. O universo passou (2 Pedro 3:10). Segunda ressurreição. Juízo final. Novo céu e nova terra, em que habita Justiça para sempre (2 Pedro 3:13).

INTRODUÇÃO



(1) A palavra “Século” (Do grego: *aion*, da qual deriva a palavra “período”).

Significado: “Um período de tempo observado em relação ao que nele ocorre. Uma época marcada por características espirituais ou morais” (como “o século das luzes” ou “a idade média” ou “a era imperial”).

Versos-chave:

Rei dos séculos (1 Timóteo 1:17)

Antes dos séculos (1 Coríntios 2:7; 2 Timóteo 1:9)

Criador do mundo (Hebreus 1:2)

Os fins dos séculos (1 Coríntios 10:11; Hebreus 9:26)

Presente século mau (Gálatas 1:4)

Eterno propósito (Efésios 3:11)

Século vindouro (Efésios 1:21)

(2) A palavra “Dispensação” (Do grego: *oikonomia*, de *oikos* – casa – e *nomos* – lei –, da qual extraímos a palavra “economia”).

Significado: “Uma administração de assuntos, uma administração, um modo de lidar (como “a administração do presidente tal”). Cada era no plano de Deus (*aion*) é administrada de uma certa maneira (*oikonomia*), visto que o homem prestará contas como despenseiro/mordomo de Deus.

Versos-chave:

Dá contas da tua mordomia (Lucas 16:2)

Dispensação da plenitude dos tempos (Efésios 1:10)

Dispensação da graça de Deus (Efésios 3:2)

Dispensação do evangelho (1 Coríntios 9:17)

Michael J. Penfold, 2017

A Bíblia, embora não seja basicamente um livro de história, fornece um panorama ordenado e abrangente do desenrolar do tempo, começando com um homem colocado em um jardim por Deus e terminando com incontáveis multidões habitando em um cenário perfeito com seu Deus. No meio, a Bíblia descreve um Deus que fala ao homem de muitas maneiras e em diferentes circunstâncias, e a resposta do homem a essas comunicações.

Você já refletiu sobre o significado de toda essa saga? Qual é o propósito da criação? A história tem um tema ou objetivo maior? Como podemos entender as diferenças óbvias entre a maneira como o Senhor se comunicou com Adão no jardim, com Abraão em Ur, com Moisés no Monte Sinai, com seus discípulos nas encostas do Monte das Oliveiras e conosco como Seu povo hoje? Por que o povo de Deus no deserto só poderia se aproximar dele por meio de um sacerdócio operante, enquanto nós acessamos um santuário

celestial sem restrição, chegando com confiança ao trono da graça?

Essas e outras questões formam o pano de fundo para esta série de artigos nos quais buscaremos delinear a verdade bíblica das Dispensações. Examinaremos o propósito geral de Deus em tudo o que Ele está fazendo, as várias maneiras pelas quais Ele revelou esse propósito ao homem de uma forma progressiva ao longo da história humana, e a correspondente apreciação que isso deve nos dar da maravilha, sabedoria e glória de nosso incomparável Senhor.

O propósito desses artigos não é fornecer uma história do pensamento dispensacionalista, nem defender a Teologia Dispensacional contra a abordagem concorrente da Teologia Aliancista ou outros sistemas de interpretação bíblica. Ao invés disso, esses artigos examinarão o desdobramento cronológico da revelação divina sobre o escopo do registro bíblico e as implicações correspondentes dessa revelação para a humanidade.

“Séculos” e “Dispensações”

A Escritura claramente faz referência a “séculos”, por exemplo: “mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9:26); “para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça” (Efésios 2:7); “acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro” (Efésios 1:21).

W. E. Vine afirma que essa palavra “significa um período de duração indefinida, ou o tempo visto em relação ao que ocorre em certo período. A força

ligada à palavra não é tanto a da duração real de um período, mas a de um período marcado por características espirituais ou morais”.

Fica claro, então, que de uma perspectiva bíblica, a história não é simplesmente uma sucessão contínua de eventos aleatórios. Ao contrário, tem sido marcada por eras ou períodos específicos caracterizados por aspectos particulares, condições espirituais e atributos morais.

A palavra “dispensação”, embora não tenha referência direta a um período de tempo, refere-se à maneira como Deus tem se comunicado e interagido com o homem ao longo das várias eras da história. A palavra tem o conceito de administração, ordem. É a ideia de uma família em que há um chefe que delega responsabilidades e atribuições para aqueles em sua casa, e então eles prestarão contas pela maneira como desempenharam sua administração.

*A Bíblia... fornece
um panorama
ordenado e
abrangente
do desenrolar
do tempo.*

“Verdade dispensacional” é o reconhecimento de que Deus tratou o ser humano de maneiras distintas e identificáveis ao longo do escopo da história. Em cada uma dessas eras ou tempos, houve comunicações ou revelações específicas de Deus, expectativas específicas colocadas sobre o homem e repercussões específicas quando o homem deixou de cumprir os requisitos de sua administração.

Cada era sucessiva começa com uma nova revelação ou comunicação de Deus.

Características de cada dispensação ou era

Existem quatro características específicas evidentes em cada uma das épocas de mudança no trato de Deus com o homem. Elas foram destiladas por Mark Sweetnam em seu excelente livro intitulado “As Dispensações: O Plano de Deus para os Séculos” como:

Revelação – cada era sucessiva começa com uma nova revelação ou comunicação de Deus. Isso pode ser visto, por exemplo, em Suas instruções a Adão, Suas

promessas a Noé, Seu chamado a Abraão, Seus pronunciamentos a Moisés e Sua comunicação direta “no Filho” quando o “Verbo se fez carne e habitou entre nós” (João 1:14). Ainda futuro será o Seu domínio universal quando Ele retornar como Rei dos Reis para reinar diretamente sobre Seu universo.

Responsabilidade – Uma nova revelação de Deus traz responsabilidade irrenunciável para o homem. Em cada um dos estágios de desenvolvimento da interação divina com Sua criatura, o homem recebeu responsabilidades específicas para atender à revelação concedida.

Rebelião – O homem falhou em todas as épocas em corresponder aos requisitos apresentados pela revelação divina. Em um jardim de perfeição que Deus declarou “muito bom”, Adão falhou miseravelmente e afundou uma raça em perdição por causa de sua desobediência. Em um dia vindouro, mesmo quando um Rei reinar em retidão, haverá ressentimento suficiente nos corações dos homens caídos para que, quando Satanás for libertado no final do milênio, ele será capaz de montar uma rebelião fútil contra o Rei. Em cada era intermediária, há um fio constante de fracasso do homem.

Retribuição – Em Sua justiça perfeita, a resposta de Deus à rebelião e ao fracasso do homem é inevitável. Cada era da história foi finalmente consumada pelo julgamento divino.

Sete Dispensações

A consideração cuidadosa da história geral

*Em Sua justiça
perfeita, a resposta
de Deus à rebelião
e ao fracasso do
homem é inevitável.
Cada era da história
foi finalmente
consumada pelo
julgamento divino.*

delineada nas Escrituras revela sete “ciclos” das características acima, começando com a primeira comunicação de Deus com o homem original, Adão, e culminando na revelação direta de Deus no “segundo homem” (“o Último Adão”), quando Ele

toma o cetro do domínio universal e reina sobre a terra por 1.000 anos. Essas sete dispensações foram retratadas de forma simplificada no quadro nas páginas 4 e 5.

***Características imutáveis em
dispensações mutáveis***

Uma das críticas levantadas (injustamente) contra a verdade dispensacional é que ela analisa artificialmente a história humana em períodos segmentados, tornando as comunicações de Deus inconsistentes e incoerentes e fornecendo diferentes meios de salvação para diferentes períodos de tempo. Essa alegação é falsa. A verdade dispensacional de forma alguma ataca a imutabilidade de Deus, nem faz injustiça aos princípios universais que sempre governaram – e sempre governarão – Sua interação com Sua criatura, o homem.

No próximo artigo, veremos algumas das características imutáveis que correm inequivocamente como fios ininterruptos em todas as dispensações, e aprenderemos como Deus está, em última análise, operando “todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade” (Efésios 1:11) para manifestar a glória do Seu caráter imutável por meio de circunstâncias variáveis e progressivos desenvolvimentos no decorrer do curso da história humana.



CONSTANTES IMUTÁVEIS



Conforme mencionado na introdução a esta série de artigos, uma alegação injusta às vezes levantada contra a verdade dispensacional é que ela analisa artificialmente a história humana em períodos segmentados, tornando as comunicações de Deus inconsistentes e fornecendo diferentes meios de salvação para diferentes períodos de tempo. Essa alegação é falsa. A verdade dispensacional de forma alguma ataca a imutabilidade de Deus, nem faz injustiça aos princípios universais que sempre governaram – e sempre governarão – Sua interação com Sua criatura, o homem.

A Bíblia mostra claramente uma progressão na revelação de Deus à humanidade ao longo das eras sucessivas, mas existem temas e verdades constantes que correm inequivocamente como fios ininterruptos em cada dispensação. A verdade dispensacionalista abrange um Deus que está operando “todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade” (Efésios 1:11) para manifestar a glória do Seu caráter imutável por meio de circunstâncias variáveis e progressivos desenvolvimentos no decorrer do curso da história humana.

Justiça

A justiça de Deus, assim como todos os Seus demais atributos, é absoluta e imutável. Não existe um padrão de justiça sob a lei e um padrão diferente sob a graça. Deus não julgou o pecado duramente sob um regime e depois negligenciou

o pecado em outro. Seu padrão justo permaneceu constante (e permanecerá constante) ao longo de todas as épocas da revelação bíblica, culminando no reino terreno de Cristo, quando “reinará um Rei com justiça” (Isaías 32:1). Em todas as eras, o homem foi medido em relação a este padrão inflexível da justiça de Deus. Tragicamente, cada membro da família humana ficou aquém desse padrão, com uma gloriosa exceção: Jesus Cristo homem, que é único na experiência humana por refletir impecavelmente a perfeita justiça de Deus.

Graça

A época atual costuma ser chamada de “a era da graça” e há um abundante suporte bíblico para esse rótulo. Por exemplo, João 1:17 contrasta a lei e a graça ao declarar: “a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”. Paulo escreve sobre “a dispensação da graça de Deus” (Efésios 3:2) e faz distinções muito claras entre a lei e a graça em passagens como Gálatas 2:21: “Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão” (ARA). Escrevendo a Tito, ele declara: “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens” (2:11). Mas, embora haja um senso definido de que a graça é a característica principal da presente dispensação, é evidente que a graça é uma característica subjacente constante de todos os tratos de Deus com a humanidade caída. Foi a graça que trouxe

Deus ao jardim no frescor do dia para chamar o caído Adão. Foi graça que Noé achou aos olhos do Senhor (Gênesis 6:8), e foi graça que fez com que Deus agisse repetidamente em bondade e compaixão para com Seu rebelde povo terrestre. Pedro O descreve apropriadamente como “o Deus de toda a graça” (1 Pedro 5:10).

Fé

Da mesma forma, a fé sempre foi a base sobre a qual Deus dispensa Suas bênçãos a homens e mulheres. Nenhuma grande explicação é necessária aqui – uma simples leitura de Hebreus 11 torna este ponto bastante claro. Indo até Abel, o texto usa exemplo após exemplo abrangendo numerosas dispensações ao longo da história do Antigo Testamento para provar que “sem fé é impossível agradar-Lhe” (Hebreus 11:6). Qualquer sugestão de que sob a lei Deus reconhecia “obras”, mas na era da graça Ele requer “fé” é uma representação grosseira da inequívoca revelação bíblica e de forma alguma uma descrição precisa da verdade dispensacionalista.

Salvação

Sempre houve, e sempre haverá, uma única base para o pecado ser perdoado e a salvação ser desfrutada: o “único sacrifício pelos pecados” que foi oferecido pelo Senhor Jesus Cristo na cruz (Hebreus 10:12). Seu sangue representa o fundamento universal sobre o qual um Deus santo pode ser “justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Romanos 3:26). Os pecados das pessoas sob a lei não eram tirados pelos sacrifícios de animais (Hebreus 10:11) – eles foram eliminados pelo único grande sacrifício pelos pecados que seria oferecido por um Substituto perfeito que “se deu a si mesmo em preço de redenção por todos” (1 Timóteo 2:6).

Obediência

O requisito básico de Deus para o homem é o mesmo em todas as épocas – obediência à revelação divina. Obediência não é uma característica exclusiva da “lei” que foi posta de lado na era da graça. “Liberdade cristã” não é liberdade para fazer o que quiser; é liberdade para obedecer a Deus. A trágica marca caracterizadora do primeiro homem foi a desobediência (Romanos 5:19) e, infelizmente, isso tem caracterizado a humanidade desde então. Mesmo na era da graça de hoje, Deus requer obediência – antes de tudo, ao evangelho (2 Tessalonicenses 1:8; 1 Pedro 4:17), e então de Seu povo redimido (Romanos 6:16; Gálatas 5:7; Filipenses 2:12).

Conclusão

Esperamos que a breve visão geral que expomos demonstre que a verdade dispensacionalista não analisa artificialmente a Palavra de Deus para impor um sistema ou estrutura predeterminada em suas páginas e criar distinções e inconsistências nas relações de Deus com o homem ao longo das várias eras do tempo. Em vez disso, ela reconhece distinções e diferenças que estão claramente lá, enquanto abraça o caráter imutável e consistente de Deus em revelar a Si mesmo e Sua verdade para Sua criatura de uma forma progressiva ao longo dos séculos da história que se desenrolam.

Começando com o próximo artigo, veremos cada dispensação em ordem cronológica, examinando seus traços e características distintas e delineando a revelação progressiva dos planos e propósitos de Deus à medida que Ele avança em direção ao Seu objetivo final de glorificar a Si mesmo em Seu Filho.

INOCÊNCIA



E difícil para nossas mentes capturar a beleza, glória, majestade e perfeição primitivas que marcaram o primeiro período da história do homem. Um Deus que tudo vê, com sabedoria onisciente, examinou tudo como existia naquele estado de bem-aventurança e disse que era “muito bom” (Gênesis 1:31). Quanto tempo durou esta era de perfeição, não sabemos – mas sabemos que terminou em tragédia incalculável!

Esta primeira das sete dispensações (ou administrações) distintas que abrangem o panorama dos tratos de Deus com a humanidade serve, de muitas maneiras, como um microcosmo do que se desdobrará em cada era sucessiva. Ela estabelece o ciclo que se repetirá em todas as eras subsequentes: uma nova revelação de Deus, uma responsabilidade correspondente colocada sobre o homem, a rebelião do homem contra Deus e a desobediência à Sua instrução e, finalmente, a retribuição ou julgamento de Deus sobre o homem por sua falha.

Romanos 15:4 nos diz que “tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito”. Uma nota semelhante é tocada (embora com referência àqueles sob a dispensação da lei) em 1 Coríntios 10:11: “Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos”. Ao considerarmos cada dispensação, devemos reconhecer que, embora não tenhamos vivido naquelas eras e as instruções dadas e as responsabilidades conferidas não se apliquem necessariamente a nós, elas ainda estão registradas para nosso aprendizado e há lições vitais para aprendermos com elas.

Revelação

Gênesis 2:16-17 descreve a comunicação

direta de Deus com Sua principal criatura, o homem, quando Ele lhe deu domínio sobre Sua criação recém-formada. Observe como Deus comunica Sua mente e vontade de maneira clara, simples e inequívoca. Não há nada ambíguo ou incerto sobre Sua intenção ou Sua instrução. Observe também a autoridade de Suas palavras. O texto nos diz que o Senhor Deus “ordenou” ao homem. Não foi uma sugestão nem uma recomendação – foi um comando claro e impositivo: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.

Responsabilidade

Antes de dar a instrução mencionada acima, Deus delineou ao homem Seu privilégio e responsabilidade particulares relativos à criação da qual ele era a joia da coroa: “Dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gênesis 1:28). O homem teve uma única mordomia (administração) de Deus – exercer domínio e autoridade sobre tudo o que veio das mãos de Deus e conduzir esta criação imaculada ao seu potencial e promessa ilimitados. O ingrediente primordial para o cumprimento dessa responsabilidade apontada no capítulo 1 seria a obediência às instruções simples dadas no capítulo 2. A obediência é a única resposta legítima do homem à instrução de Deus – e tem sido exigida por Deus em todos os tempos.

Note que a obediência necessária não era para machucar o homem, nem o privar. A revelação de Deus estava capacitando e proporcionando liberdade – tudo de que o homem precisava havia sido providenciado por Deus. Não apenas isso, mas, para além

de suas necessidades básicas, Deus também forneceu abundantemente tudo o que o homem poderia legitimamente desejar. A melhor vida possível para o homem seria uma vida de obediência às instruções de Deus, uma aceitação do propósito divino e um compromisso sem reservas com os planos do Senhor. Isso nunca mudou em nenhuma dispensação e é absolutamente verdadeiro para nós hoje. Seus mandamentos nunca são para nosso detrimento – mas sempre para nosso bem final.

Rebelião

Infelizmente, porém, esse não seria o caminho escolhido por nosso ancestral. A narrativa passa rapidamente do cenário feliz e inocente do final do capítulo 2 para a tragédia sórdida e incalculável do capítulo 3, e não é exagero dizer que as coisas nunca mais seriam as mesmas! A tentação de Satanás, o engano de Eva e a desobediência de Adão são um tanto prototípicos e nos mostram os ingredientes trágicos do pecado e da desobediência que se tornaram a marca registrada da humanidade caída que se seguiu.

Observe a distorção do diabo na palavra de Deus. A instrução original de Deus era positiva e generosa – “De toda árvore do jardim comerás livremente” (Gênesis 2:16) – mas o diabo deliberadamente deturpou isso, dizendo: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gênesis 3:1). O que ele disse foi próximo ao que Deus disse, mas não exatamente o que Deus disse. Precisamos estar vigilantes em aprender esta lição. Permita que a Palavra de Deus signifique o que ela diz claramente. Suas instruções não são, de maneira geral, misteriosas ou alegóricas; normalmente são simples e diretas.

O diabo então imediatamente passou a questionar o caráter de Deus. Ele essencialmente disse: “Deus não quer o que é melhor para você – Ele está tentando privá-lo disso; Ele sabe que se você comer desta árvore, ela te trará uma liberdade maravilhosa e uma experiência de vida expandida”. Este arqu-inimigo nunca mudou de tática. Ele envenena as mentes hoje com as mesmas mentiras.

A resposta de Eva, embora não cite de forma dolosa a palavra de Deus erroneamente, revela uma lembrança e aplicação desleixadas dela. Ela está “perto” quando cita Deus ao dizer: “Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais” (3:3), mas ela não é exata. O diabo aproveitou essa citação errada para dizer imediatamente: “Certamente não morrereis” (3:4). Precisamos ter muito cuidado ao ler, compreender, memorizar e citar a Palavra de Deus com precisão. Paulo exortou Timóteo a ser diligente em “manejar bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15).

Seguindo tragicamente por trás da tentação do diabo e do engano de Eva está a desobediência de Adão. Não conhecemos os raciocínios específicos de sua mente, mas “com os olhos abertos”, ele desobedeceu diretamente a Deus e transgrediu a instrução clara que recebera (Romanos 5:19).

Retribuição

Junto com a instrução original de Deus, Ele advertiu que a desobediência traria um julgamento. Como sempre, Deus foi perfeitamente fiel à Sua palavra. Essa rebelião original trouxe consequências de partir o coração, com julgamentos específicos pronunciados sobre a serpente, a mulher e o homem, e resultados de longo alcance que mancharam e amaldiçoaram toda a criação. O pecado sempre tem consequências. Nunca devemos esquecer que, embora o preço da obediência às vezes pareça alto, o preço da desobediência é sempre muito, muito mais alto.

De forma encorajadora, porém, bem no meio do julgamento, temos a primeira menção da obra final de salvação e vitória de Deus. A promessa da Semente da mulher que feriria a cabeça do inimigo permaneceria não cumprida por milênios, mas finalmente, na plenitude dos tempos, Deus enviaria Seu filho, “nascido de mulher”, e este Salvador, por meio de Sua morte, destruiria aquele que com tanto sucesso estragou a beleza, o esplendor, a inocência e a promessa do Éden.

CONSCIÊNCIA



A dispensação da consciência durou quase 1.700 anos, do final de Gênesis 3 ao início de Gênesis 7. Começou após a trágica queda do homem e sua expulsão do Jardim do Éden e terminou com o julgamento cataclísmico do dilúvio mundial. Fisicamente, o mundo durante essa época era muito diferente do nosso hoje (2 Pedro 3:3-7), mas, moralmente, era marcado por características notavelmente semelhantes às de nossa sociedade narcisista do século XXI (Mateus 24:37-39). Foi um tempo caracterizado por rápido declínio moral e rebelião grosseira contra Deus, e ainda assim vemos a notável capacidade de Deus de preservar uma semente fiel e promover Seu propósito redentor. Existem, portanto, lições úteis que podemos extrair desta segunda “fase” dos tratos de Deus com o homem – a dispensação de consciência.

Revelação

A palavra “consciência” significa literalmente “conhecimento próprio” e descreve o estado do homem após sua ingestão desobediente do fruto da árvore proibida no meio do jardim. Deus descreveu o resultado desse ato: “Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal” (Gênesis 3:22). O homem agora tinha implantado em si um conhecimento que ele compartilhava com Deus – a habilidade de discernir entre o que é moralmente certo e errado.

Responsabilidade

Esse regulador interno, capacitando o homem a saber a diferença entre o que é inerentemente bom e agradável a Deus e o que é inerentemente mau e ofensivo a Deus, criou responsabilidade e prestação de contas muito distintas. Paulo declara em Romanos 2:15 a respeito dos gentios que

“mostram a obra da lei escrita no seu coração, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os”. Falando de si mesmo, Paulo afirma em Atos 24:16 que ele procura “sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens”.

A palavra do Senhor a Caim faz referência ao sentido de “certo e errado” que deveria governar o comportamento do homem após a queda: “Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti? E, se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e para ti será o seu desejo, e sobre ele dominarás” (Gênesis 4:6-7). A consciência interna do homem, dando-lhe o conhecimento do bem e do mal, tornou-o responsável perante Deus por fazer o que era bom e evitar fazer o que era mau. Não é interessante que para nós, como cristãos hoje, milênios depois, tenhamos a exortação a “detestar o mal e apegar-nos ao bem” (Romanos 12:9, ARA)? Precisamos ter muito cuidado para manter as consciências sãs e sensíveis, moldadas pelas Escrituras e não cauterizadas ou distorcidas pelos valores da sociedade ímpia ao nosso redor.

Rebelião

É impressionante notar nesta segunda dispensação o impacto rápido, violento e implacável do pecado na humanidade caída. Não foi uma descida gradual à desobediência ou um suave afastamento dos padrões divinos. O primeiro homem nascido em uma raça decaída (Caim) cometeu assassinato, concentrando sua raiva, ciúme e ira não em um estranho, mas em seu próprio irmão! Ele passou a mover-se em desafio direto a Deus e se tornou o cabeça de uma árvore genealógica que seria marcada pela

desobediência, auto obsessão, desvio moral e pecaminosidade flagrante. Em seis gerações, lemos sobre um homem chamado Lameque (Gênesis 4:18-24) que se gabava de seus atos assassinos, orgulhava-se de ter superado Caim, ostentava seus relacionamentos bígamos imorais (a primeira menção na Bíblia de um homem que tinha duas esposas), e personificava a expansão de uma ordem mundial que excluía Deus de sua própria criação. É assustador observar que Lameque poderia ser um “garoto propaganda” do estilo de vida humanístico moderno do século XXI que domina e caracteriza nosso mundo ocidental.

No final das contas, a rebelião do homem infeccionou e se multiplicou a tal ponto que Deus fez sua avaliação: “E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gênesis 6:5). Que comentário triste sobre os impactos devastadores do pecado na criatura preciosa de Deus.

É importante perceber, entretanto, que mesmo nessa paisagem desolada e espiritualmente estéril, havia um remanescente fiel que trouxe honra e glória a Deus. No lugar do fiel Abel (o primeiro homem identificado na “linhagem da fé” descrita em Hebreus 11), Deus levantaria Sete. As palavras de Eva sobre o nascimento de seu terceiro filho foram estas: “Deus me deu outra semente em lugar de Abel; porquanto Caim o matou” (Gênesis 4:25).

O final de Gênesis 4 indica que “então, se começou a invocar o nome do Senhor” (v. 26). Movendo-nos ao longo da dispensação, vemos dois homens notáveis, os quais foram como brilhantes testemunhos de Deus, em nítido contraste com a escuridão espiritual que os cercava. Sobre Enoque, lemos duas vezes que ele “andou com Deus” (Gênesis 5:22,24), e o Novo Testamento expande esse elogio ao declarar que ele “agradara a Deus” (Hebreus 11:5). Hebreus 11 também nos diz que “pela fé” ele foi “trasladado para não ver a morte”, dando-nos um belo prenúncio do arrebatamento da Igreja, que os fiéis da dispensação de hoje aguardam ansiosos.

A dispensação também incluiu Noé,

similarmente destacado em Hebreus 11 por sua fé e obediência em seguir as instruções do Senhor. Que esses dois notáveis homens sejam um encorajamento para nós em nossa era das trevas. As condições espirituais podem ser sombrias e nossa sociedade pode ser caracterizada por decadência moral e escuridão cada vez mais profunda, mas ainda é possível – na verdade, é nosso chamado – agradar a Deus, permanecer fiel a Ele e sermos usados para trazer honra e glória para o Seu nome.

Retribuição

Como em todas as dispensações, a rebelião do homem inevitavelmente trouxe a retribuição divina, e a linha do tempo desta segunda dispensação passou de forma inexorável a uma espetacular intervenção divina. Está muito além do escopo deste artigo lidar com os impactos globais devastadores do dilúvio mundial descrito em Gênesis 7, mas seria bom para todos nós revisitar o registro bíblico a respeito desse evento. Não é um mito ou uma “lenda do dilúvio”. A linguagem não é alegórica ou pictórica; é real e devastadoramente literal. O Senhor asseverou em Gênesis 6:13 a respeito da humanidade: “Eis que os desfarei com a terra”, e Pedro afirma categoricamente que “pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio” (2 Pedro 3:6). Notamos no final da primeira dispensação o ódio justo de Deus ao pecado, bem como a certeza, severidade e inevitabilidade de Seu julgamento. Esta lição é reforçada aqui novamente no final desta segunda dispensação.

Mas, como continuaremos a ver em cada era sucessiva, o propósito redentor de Deus continua marchando! A segunda dispensação termina com a destruição global; mas cavalgando pelas águas do juízo está uma arca divinamente provida que carrega oito preciosas almas. A corrida continuaria. O propósito de Deus não seria frustrado. A linha de fé seria preservada. E a promessa da “semente da mulher” permaneceria intacta!

GOVERNO HUMANO



Como vimos no artigo anterior, a Dispensação da Consciência foi até o final de Gênesis 7, terminando no julgamento cataclísmico do dilúvio. O próximo capítulo no desdobramento do panorama dos tratos de Deus com a humanidade começou em Gênesis 8 com as águas do dilúvio baixando e Deus fazendo uma aliança com Noé. Este período da história do homem durou aproximadamente 425 anos, cobrindo quatro capítulos (Gênesis 8-11), e culminou com a intervenção divina em juízo contra o homem em uma planície na terra de Sinar quando “ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra” (Gênesis 11:9).

Revelação

A habilidade de discernir entre o certo e o errado que inaugurou a Dispensação da Consciência continuou nesta era. Mas foram adicionadas a ela instruções muito específicas dadas a Noé após sua saída da arca. Houve uma reiteração da diretriz dada a Adão e seus descendentes para povoar a terra e exercer domínio para Deus. Detalhes adicionais foram fornecidos neste ponto para fortalecer a autoridade governamental e a administração do homem – seu governo sobre o reino animal foi cimentado (Gênesis 9:2) e sua responsabilidade de guardar e defender o valor da vida humana foi destacada (Gênesis 9:6). Não podemos enfatizar o suficiente na época humanista atual, influenciada por darwinistas, a singularidade da vida humana, conforme mostrada neste versículo: “Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado, pois Deus fez o homem conforme a sua imagem”.

Mais importante ainda, a comunicação de

Deus no início desta era tocou não apenas a responsabilidade do homem sobre a natureza, mas seu relacionamento com o seu próximo. Talvez a característica mais marcante da revelação divina que inicia esta dispensação seja a inauguração, por Deus, de uma aliança incondicional com o homem, comprometendo-se a nunca mais destruir o mundo com um dilúvio (Gênesis 9:8-17). Essa aliança era eterna e absoluta; não estava condicionada à obediência do homem. Foi Deus se comprometendo a cumprir Sua própria promessa em linguagem clara, inequívoca e literal. Esta é a primeira de várias alianças assim que Deus fez com o homem, e é importante que entendamos cada uma delas da mesma maneira – literal, clara e diretamente. A interpretação alegórica das alianças bíblicas levou a muitas interpretações falsas da revelação bíblica.

Responsabilidade

Esta nova comunicação de Deus colocou uma responsabilidade correspondente muito direta sobre o homem. As instruções de Deus foram claras: o homem deveria se espalhar e povoar a terra, deveria exercer domínio para Deus e reconhecer sua singularidade dada por Deus: “E criou Deus o homem à sua imagem”. O homem seria responsável por estabelecer a ordem social e a justiça com base nesta realidade subjacente que reconhecia e refletia a substância única do homem voltada para Deus e, portanto, sua dignidade e responsabilidade para com Deus à cuja imagem ele foi formado.

Rebelião

A debilidade e o fracasso do homem são vistos muito rapidamente nesta dispensação. Mark

Sweetnam escreve: “Não demora vermos o homem em cujas mãos o governo foi entregue, deitado nu em um estupor de embriaguez em sua tenda”. Que trágico! Noé, o grande herói da fé que obedeceu a Deus de maneira notável, se envolveu com autoindulgência no fruto de sua própria vinha e “embriagou-se”. Destaca-se que esta é a primeira menção ao álcool nas Escrituras. Seguindo a “lei da primeira menção”, seríamos sábios em reconhecer a perda de controle, a vergonha e as trágicas consequências associadas ao álcool nesta narrativa antiga, e governar nossa própria conduta de acordo.

A rebelião do homem, porém, multiplicou-se enormemente nas gerações subsequentes. Um bisneto de Noé chamado Ninrode (Gênesis 10:8) surgiu e se tornou um líder político e social carismático e poderoso. Seu nome significa “rebelde” e ele provou ser muito fiel ao seu nome. Ele se opôs a Deus e reuniu as pessoas ao seu redor em sua rebelião contra o propósito divino. O capítulo 10 nos diz que “o princípio de seu reino foi Babel [...] na terra de Sinar” (v. 10). Então, o capítulo 11 nos diz que “partindo eles do Oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali” (v. 2). A instrução de Deus foi clara: espalhem-se e povoem a terra. O povo desafiadoramente disse: “Não. Vamos nos estabelecer e juntar aqui”. Observe sua arrogância e motivos de exaltação própria: “Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra” (11:4). Este não foi um projeto urbanístico inocente e inofensivo; foi um ato de desafio direto contra Deus, desobediência deliberada à Sua direção e promoção da independência e autossuficiência do homem. Os motivos e métodos de Ninrode e das pessoas que ele liderou foram tragicamente replicados uma vez após outra ao longo da história humana, e ainda correm desenfreados com consequências trágicas em nosso mundo hoje.

Retribuição

A resposta de Deus à rebelião do homem nos

versos 5-9 foi rápida, deliberada, decisiva e eficaz – como a retribuição divina sempre é! É muito importante para todos nós lembrarmos que “o nosso Deus é um fogo consumidor” e que um temor saudável e reverencial de Deus é um atributo essencial para todos nós, especialmente para aqueles que são Seus filhos. Deus não só podia ver o que eles fizeram, mas também avaliar perfeitamente por que o fizeram. Ele não apenas entendeu suas ações, mas claramente discerniu que essas ações eram meramente a manifestação de sua rebelião contra Sua autoridade, Sua Palavra e Seu propósito. Assim, com uma rapidez característica, quase desdenhosa, Ele confundiu a linguagem deles, eliminou sua capacidade de se unir em seu empreendimento ímpio e deixou as obras de suas mãos em ruínas.

É interessante ver como até mesmo os julgamentos de Deus promovem Seus propósitos. Deus disse: “Povoi abundantemente a terra e multiplicai-vos nela”. A humanidade disse: “Não”. Mas o resultado imediato da mão de Deus movendo-se em julgamento foi que “o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade” (v. 8), e então, quase aparentemente para dar ênfase, o versículo 9 diz: “dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra”. A rebelião do homem nunca será um obstáculo para o cumprimento do propósito divino!

À medida que esta dispensação se aproximava do fim, vemos o fio da promessa divina continuando – como sempre. Os planos e propósitos de Deus nunca falharão. Nas genealogias que concluem o capítulo 11, temos a primeira menção do nome “Abrão”. Esse personagem, “o pai da fé”, terá um relacionamento destacado com Deus. O capítulo 12 marcará um desenvolvimento dramático na perspectiva divina da história humana, à medida que o foco se afasta das relações amplas de Deus com a humanidade em geral e se restringe muito especificamente a um homem e à linha de fé que surgirá dele.

PROMESSA



Gênesis 12 assinala um desenvolvimento dramático nos tratos de Deus na história humana. Até aquele ponto, Seus propósitos eram direcionados à humanidade em geral. Mas em Gênesis 12, Ele escolhe um homem, Abrão, e começa a trabalhar nele e por meio dele, fazendo promessas notáveis e se comprometendo a cumprir essas promessas com uma aliança irrevogável. Essas promessas seriam repetidas ao filho de Abraão, Isaque, e a seu neto Jacó, e seriam referenciadas por José pouco antes de sua morte no final do livro de Gênesis. O Novo Testamento, comentando sobre esta era no trato de Deus com o homem, declara: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade”, e aponta que a lei viria “quatrocentos e trinta anos depois” (Gálatas 3:16-17). Esta é uma das confirmações claras da perspectiva do Novo Testamento sobre a visão dispensacionalista dos tratos de Deus com o homem ao longo de várias eras. A dispensação da promessa, portanto, corresponde ao tempo dos patriarcas, levando-nos de Gênesis 12 a Êxodo 12 (ou mais além), quando os filhos de Israel são libertados da escravidão egípcia, trazidos através do Mar Vermelho e, finalmente, recebem a lei através de Moisés no Monte Sinai.

Revelação

A dispensação começa com uma revelação direta de Deus a Abrão na Mesopotâmia. Gênesis 12 descreve o Senhor falando com Abrão em Harã, mas Estevão nos diz que “O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai, estando na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã” (Atos 7:2). Em Ur,

Deus deu instruções claras a Abrão para deixar sua terra e sua família e ir “para a terra que eu te mostrarei”. Então, em Harã, Deus repetiu essa instrução, mas acrescentou uma promessa: “E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gênesis 12:2-3). Basicamente, foram prometidos a Abrão uma terra, uma semente (descendência) e uma bênção divina. Em Gênesis 15, Deus reitera Suas promessas a Abrão, acrescentando detalhes específicos a respeito de sua semente (vv. 4-5) e da terra (vv. 18-21). Em Gênesis 17, Deus fala novamente com Abrão, mudando seu nome para Abraão para refletir que ele se tornou o pai de muitas nações. Além disso, Deus dá a Abraão a instrução clara de que ele e todos os seus descendentes machos devem ser circuncidados, como um símbolo externo da relação de aliança que existia entre eles e Deus.

Responsabilidade

A única responsabilidade específica colocada em Abraão e, por extensão, em sua descendência, era crer em Deus. Embora graciosamente simples, esse comando é verdadeiramente profundo. É a única resposta aceitável a uma promessa de Deus, e é o comentário retumbante do Novo Testamento sobre este grande homem de fé: “Creu Abraão em Deus” (Romanos 4:3); “E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé” (Romanos 4:20); “Abraão, que creu em Deus,

e isso lhe foi imputado como justiça” (Gálatas 3:6); “Pela fé, Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia” (Hebreus 11:8).

É bom lembrarmos hoje, mesmo nesta era de graça, que crer em Deus é nossa maior responsabilidade. É o primeiro passo simples para a salvação, e deve ser a marca registrada de nossas vidas como Seus filhos. Fé, confiança, obediência e dependência são os requisitos mais básicos de uma vida que honra a Deus e O glorifica.

Rebelião

Infelizmente, como em todas as dispensações, o fracasso é visto rapidamente à medida que a narrativa se desenrola. Abrão, o grande homem de fé do início de Gênesis 12, no final desse capítulo deixou a terra que Deus lhe prometeu e foi parar no Egito. Enquanto está lá, dominado pelo medo e pela incerteza, ele resolve o problema com as próprias mãos, mente sobre seu relacionamento com Sarai, sua esposa, e só escapa do desastre por intervenção divina.

Alguns capítulos depois, em Gênesis 16 (depois de receber mais revelações tremendas e promessas de aliança de Deus no capítulo 15), Abrão mais uma vez resolve o problema com suas próprias mãos (estimulado por sua esposa Sarai). A história foi impactada para sempre pelas ramificações daquele capítulo triste e sórdido na vida de Abrão – sua união com Hagar, o filho Ismael que surgiu dessa união e os descendentes que resultaram.

De maneira trágica, as falhas de Abrão seriam apenas amplificadas e multiplicadas em sua prole. Isaque iria espelhar a jornada de seu pai ao Egito e sua mentira a respeito de sua esposa. Jacó teria um traço característico e nada lisonjeiro de trapaça ao longo de sua vida. E o mais trágico de tudo, os descendentes de Jacó acabariam sendo marcados por tal incredulidade e rebelião que nenhum dos adultos que foram

triuofantemente redimidos da escravidão egípcia teria permissão para entrar na terra da promessa (exceto Josué e Calebe).

Retribuição

Os primeiros capítulos de Êxodo descrevem a escravidão no Egito que dominaria os filhos de Israel por séculos. Eles se voltariam para os deuses dos egípcios e se tornariam idólatras. Eventualmente, o Egito sentiria a fúria da ira de Deus quando Faraó endureceu seu coração e não deu ouvidos às instruções de Deus. O pior, porém, é o juízo dos próprios descendentes de Abraão por causa de sua rebelião e descrença flagrante. Hebreus 3 deixa bem claro que Deus agiu em retribuição direta contra um povo incrédulo, e “jurou na Sua ira” que eles não entrariam em Seu descanso.

Conclusão

Como em cada uma das dispensações, há um fio de propósito divino que atravessa a era da promessa, apesar de todas as falhas do homem. O plano final de Deus vai prosseguir – sempre vai! A lei seria dada no Sinai a Moisés, expressando a justiça de Deus e fornecendo belos prenúncios da provisão final de Cristo. Josué e Calebe conduziram fielmente o povo à terra prometida. As alianças de Deus permaneceriam inabaláveis e Sua revelação contínua seguiria.

Há lições práticas vitais para aprendermos com esta dispensação da promessa. A marca registrada da vida de Abraão foi que “ele creu em Deus”. Todos nós temos muito espaço para melhorias a esse respeito! Que possamos também aprender as lições, porém, das perigosas ramificações da descrença e desobediência. O pecado sempre tem consequências – mesmo para os cristãos. É preocupante ver os impactos de longo alcance e de longa duração provenientes de atos únicos de desobediência na vida de um homem fiel. Que o Senhor preserve cada um de nós.

LEI



A teologia dispensacionalista é uma visão da revelação bíblica que reconhece distinções na maneira como Deus maneja Seus propósitos para o homem e por meio do homem ao longo da história da redenção, enquanto abraça Seus propósitos abrangentes de glorificar Seu nome. Uma das provas mais claras da teologia dispensacionalista é a distinção feita nas Escrituras entre lei e graça. A lei, bem como a administração que existia sob ela, são contrastadas repetidamente com a era atual da graça em numerosas passagens do Novo Testamento, especialmente em livros como Romanos, Gálatas e Hebreus. A era da lei durou aproximadamente 1.500 anos, começando no Monte Sinai em Êxodo 19 e indo até o “lugar chamado Caveira” (como Lucas o descreve), fora dos muros de Jerusalém.

Revelação

A Dispensação da Lei começa com a mais extensa e detalhada revelação de Deus que o mundo experimentou até aquele ponto de sua história. A terrível realidade daquele acontecimento é descrita pelo salmista: “A terra abalava-se, e os céus destilavam perante a face de Deus; o próprio Sinai tremeu na presença de Deus, do Deus de Israel” (Salmo 68:8). O escritor de Hebreus descreve um monte “aceso em fogo” e nos diz que “tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo assombrado e tremendo” (Hebreus 12:18, 21).

Êxodo 20 começa com o que é comumente chamado de “os Dez Mandamentos”, mas os capítulos subsequentes descrevem detalhadamente mais de 600 diferentes leis e regulamentos. A revelação dispensacional é, em geral, progressiva: nenhuma dispensação

contradiz o que veio antes dela, mas com o início de cada dispensação sucessiva a revelação divina é progressivamente expandida.

A inauguração da Dispensação da Lei providenciou a revelação mais detalhada e expansiva já fornecida ao homem. Revelou, como nunca antes, o caráter justo de Deus, Sua santidade absoluta e Sua aversão ao pecado. Também revelou, de outro lado, o profundo desejo de Deus de habitar entre Seu povo – “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxodo 25:8) – e um meio de aproximação para que Seu povo pudesse desfrutar da Sua presença no meio deles (por meio do sistema de ofertas e do sacerdócio que as acompanhava). Finalmente, a revelação da lei concedeu um prenúncio notável do que viria, em última instância, em Cristo, conforme exposto de forma tão eloquente em toda a epístola aos Hebreus.

Responsabilidade

Assim como nas duas dispensações anteriores (a Dispensação do Governo Humano e a Dispensação da Promessa), a Dispensação da Lei começa com um pacto (aliança). Mas há uma distinção significativa entre o que é conhecido como aliança “mosaica” e as alianças com Noé e Abraão que a antecederam. Conforme observado nos artigos anteriores, essas alianças eram incondicionais: Deus declarou o que iria fazer e se comprometeu a cumprir Sua palavra, consagrando Suas promessas em um pacto. Mas com a aliança mosaica há a introdução de uma condição definida. Logo no início de Sua comunicação a Moisés, o Senhor o instrui a dizer ao povo: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto,

então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos” (Êxodo 19:5). O último livro do Pentateuco reitera esta condição: “E será que, se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu te ordeno hoje, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra” (Deuteronômio 28:1). Os destinatários originais da lei compreenderam perfeitamente suas reivindicações e suas responsabilidades. Quando Moisés descreveu-lhes a promessa direta e condicional do Senhor, “todo o povo respondeu a uma voz e disse: Tudo o que o Senhor tem falado faremos” (Êxodo 19:8).

Rebelião

Apesar da promessa unânime e, sem dúvida, bem-intencionada do povo, seu fracasso foi imediato e surpreendente. Moisés ainda não havia descido a montanha com as tábuas de pedra divinamente inscritas, e o povo já havia deliberada, descarada e flagrantemente se rebelado contra Deus e estava se curvando para um bezerro de ouro. Este foi apenas o começo de um sórdido e trágico caminho de desobediência e incredulidade que marcou a multidão que atravessava o deserto. Progrediu até Cades-Barnéia, em sua recusa em ouvir Calebe e Josué, e então, infelizmente, continuou a caracterizar a maior parte da nação de uma forma trágica pelo resto da história do Antigo Testamento, e até a época de Cristo aqui na terra. O último ato de rebelião sob a lei culminaria em um dia trágico nas encostas do Gólgota, quando os líderes do povo rejeitariam deliberada e decisivamente o Filho de Deus, clamando ao governador romano: “Fora! Fora! Crucifica-o!” (João 19:15 ARA).

Retribuição

O fracasso do homem perante a lei trouxe consequências rápidas e devastadoras. Trinta e oito anos vagando no deserto foi o resultado direto da descrença e desobediência do povo. Por causa de sua recusa a crer em Deus e obedecer a Sua palavra, nenhum dos adultos que deixaram o Egito foi autorizado a entrar na terra prometida, exceto Josué e Calebe. O juízo divino cairia sobre eles repetidas vezes,

mesmo depois de finalmente terem entrado em Canaã.

Ao longo dos séculos, eles experimentariam cativeiro, exílio e opressão sob os assírios, os babilônios e os romanos. Sua rejeição final a Cristo acabaria resultando na destruição total de Jerusalém e na profanação do templo em 70 d.C., sob Tito (então um comandante militar romano, que viria a se tornar o imperador romano).

Conclusão

O Novo Testamento deixa claro que a lei nunca teve a intenção de ser uma administração permanente. Seus sacrifícios nunca poderiam tirar o pecado (Hebreus 10:1-4). A intenção era apenas apontar para Cristo: “De maneira que a lei nos serviu de aio [tutora], para nos conduzir a Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados” (Gálatas 3:24). A lei não foi, entretanto, algum tipo de experimento fracassado. É importante lembrar que a lei em si mesma era “santa; e o mandamento, santo, justo e bom” (Romanos 7:12). A fraqueza estava no homem (Romanos 8:3). Nunca devemos esquecer que, embora a lei destacasse o lamentável fracasso do homem caído, foi também a administração sob a qual o segundo Homem foi apresentado – e esse Homem nunca falharia: “Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei” (Gálatas 4:4-5). O fracasso notável do povo terreno de Deus sob a Dispensação da Lei foi (e é) trágico; mas não é terminal. Deus ainda cumprirá Suas promessas incondicionais à nação de Israel (como veremos nos próximos artigos).

Mas, nesse intervalo de tempo, Ele tem algo novo e glorioso que está revelando. Em nosso próximo artigo, consideraremos nossa era atual, onde a graça de Deus é ricamente demonstrada, o Espírito de Deus é empregado de forma única, o evangelho de Deus está se espalhando por todo o mundo (não apenas Israel) e a Igreja de Cristo está sendo construída.

GRAÇA



A dispensação atual – a era da graça – é única na história da redenção. Hebreus 9:26 fala da “consumação dos séculos” ao descrever a primeira vinda de Cristo à terra, enquanto 1 Coríntios 10:11 descreve pessoas “para quem já são chegados os fins dos séculos”. A dispensação atual não é o capítulo final da cronologia histórica do homem, mas é caracterizada exclusivamente como a consumação da revelação de Deus para o homem antes de Ele intervir de forma espetacular para estabelecer um governo divino direto nesta terra criada.

Um equívoco comum acerca da verdade dispensacionalista é que ela estabelece “cortes rápidos” que dividem uma era da outra, sugerindo que “uma dispensação termina à meia-noite e outra começa às 00:01”. Esse, obviamente, não é o caso. É comum haver períodos de transição, à medida que os tratos de Deus sob uma administração chegam ao fim e uma nova era amanhece. Esse é, definitivamente, o caso na transição da lei para a graça.

O amanhecer da atual dispensação começou com a vinda de Cristo – “Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (João 1:17) – e certamente inclui Sua obra na cruz (Hebreus 9:26 descreve Sua manifestação para “aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”). Seu início “técnico” pode muito bem ser visto como o advento do Espírito e a inauguração da

Igreja em Atos 2 no dia de Pentecostes. No entanto, o julgamento final da nação de Israel, trazendo o fim da era da lei com a destruição total de Jerusalém em 70 d.C., precisa ser mantido em mente. Portanto, há um período de transição entre a lei e a graça que atravessa o interregno histórico do livro de Atos.

Da mesma forma, o fim da era da graça será marcado por um evento repentino: o Arrebatamento da Igreja; mas também terá um tempo de transição antes que

*Pela primeira vez na
história da redenção,
a revelação divina
veio diretamente
da Deidade,
sem qualquer
intermediário humano
ou angelical.*

o reino terreno seja estabelecido – um período de pelo menos sete anos, quando o julgamento de Deus será distribuído em um mundo incrédulo.

Revelação

A era da graça foi marcada por uma importante revelação dispensacionalista em seu início. Hebreus 1:1-2 afirma, de forma eloquente: “Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo [na pessoa do] Filho”. João nos diz que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (João 1:14), “a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (v. 17), e “o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (v. 18). Pela primeira vez na história da redenção, a revelação divina veio diretamente da Deidade, sem qualquer intermediário humano ou angelical. O próprio Deus desceu!

Essa revelação pessoal de Deus na pessoa de Jesus Cristo trouxe consigo uma nova mensagem de graça e vida. A mensagem do evangelho seria a marca registrada desta dispensação. A comissão final do Senhor aos Seus discípulos foi “pregar o evangelho a toda criatura”. Foi uma mensagem clara de salvação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo.

Essa mensagem do evangelho incluía não apenas a salvação dos pecados, mas também a proclamação da verdade divina – “Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mateus 28:20) – de modo que esta era da graça é caracterizada pela revelação plena do propósito de Deus de uma forma que a diferencia de todas as eras anteriores. Paulo descreve esta verdade em Efésios 3:5 como o mistério que “noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos

Foi uma mensagem clara de salvação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo.

homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas”.

Responsabilidade

Como em todas as eras, a responsabilidade do homem na Dispensação da Graça é crer em Deus e obedecer à Sua Palavra. Durante Seu ministério público, o Senhor enfatizou repetidamente a importância singular de crer Nele e lamentou a indescritível tragédia daqueles que não cressem Nele. João 3:36 (um versículo precioso para mim, que fui salvo por sua verdade!) afirma sucintamente: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece”.

É um perigoso equívoco pensar que de

Apesar de uma revelação incomparável de Deus, a dispensação atual tem sido tragicamente caracterizada pela rebelião do homem.

alguma forma a obediência se relaciona com a lei e não é exigida pela graça. “Legalismo” e “obediência” não são, de forma alguma, sinônimos. A única resposta apropriada à revelação divina (em qualquer dispensação) é a obediência, e essa resposta precisa caracterizar não apenas os pecadores em relação à mensagem de salvação (Pedro escreve sobre aqueles que “são desobedientes ao evangelho de Deus”, 1 Pedro 4:17), mas também os cristãos em relação à verdade das Escrituras. O Senhor ligou a obediência ao amor quando disse a Seus discípulos: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15).

Rebelião

Apesar de uma revelação incomparável

de Deus, a dispensação atual tem sido tragicamente caracterizada pela rebelião do homem. João nos diz que Ele “veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11). A mensagem do evangelho traz uma oferta universal de graça e salvação, mas infelizmente ela não tem sido universalmente aceita. Na verdade, o oposto é verdadeiro. O próprio Senhor disse: “Poucos há que a encontrem”.

A Bíblia descreve o desenvolvimento de nossa época não em termos brilhantes de progresso e melhoria, mas em uma previsão de distanciamento e degeneração. Paulo descreve as características dos últimos dias dizendo que “haverá homens amantes de si mesmos, avaros, presunçosos, soberbos, [...] mais amigos dos deleites do que amigos de Deus” (2 Timóteo 3:2-4).

Essas atitudes rebeldes e ímpias já reinam em nosso mundo, mas florescerão a todo vapor assim que a Igreja for tirada e o “homem do pecado” for revelado, e os “habitantes da terra” nos anos finais e culminantes desta era serão caracterizados por uma rebelião desenfreada e descarada contra Deus e hostilidade contra Sua verdade.

Retribuição

Cada dispensação termina com um julgamento específico de Deus contra a falha do homem, mas nenhum será tão drástico, deliberado, desastroso e devastador como os juízos que marcarão os sete anos finais desta era de graça. O próprio Senhor descreveu as condições nos últimos 3 anos e meio, dizendo: “Porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais” (Mateus 24:21). Graças a Deus que aqueles de nós que creram no evangelho serão “salvos da ira” e não experimentarão

aquele dia terrível em que Deus intervém diretamente, vindicando Seu Filho e “derramando” Sua ira em um mundo incrédulo e impenitente.

Conclusão

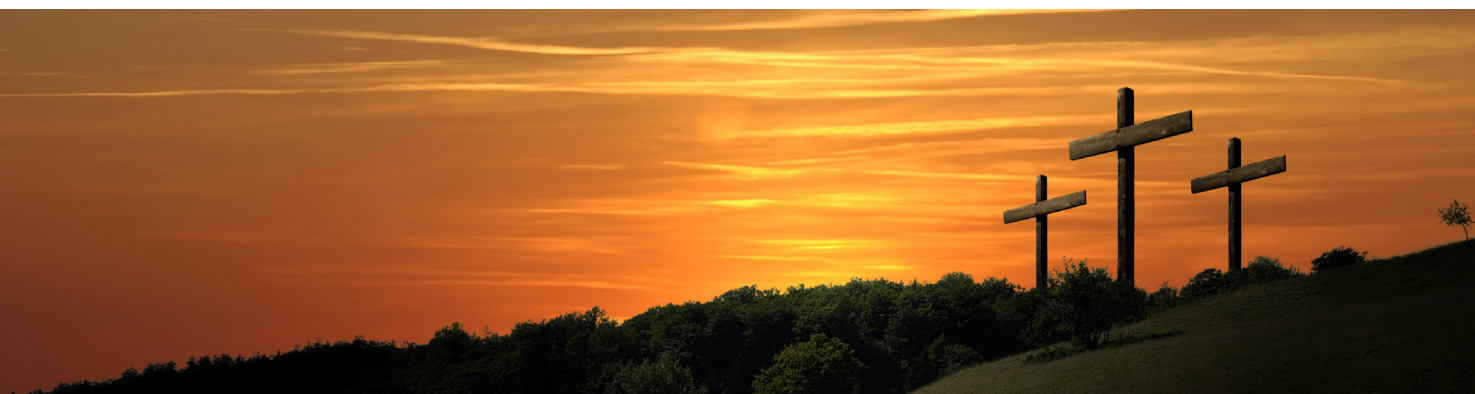
Temos o privilégio de viver na era de mais destaque até este ponto da história mundial. Temos um relacionamento único com a Deidade: um Pai no céu, um Cristo ressurreto à direita do Pai e o Espírito Santo habitando em nós. Temos um nascimento celestial, uma posição celestial e uma promessa de um Salvador que virá do céu para nos levar para estarmos com Ele. Não apenas recebemos a revelação completa de Deus, mas também recebemos a capacitação divina para cumprir Seus propósitos “permanecendo em Cristo” e “andando no Espírito”. Somos, de fato, um povo abençoado.

Compreender a verdade sobre a Dispensação da Graça não deve apenas nos encher de gratidão e atrair uma resposta de amor dos nossos corações, mas também deve aguçar nosso foco no propósito de Deus em nosso tempo e inspirar nossa visão e compromisso de viver para Sua glória.

O propósito principal de Deus nesta era não é tornar o mundo um lugar melhor, nem promover mudanças sociais,

nem estabelecer movimentos políticos “cristãos”. Seu propósito é tomar das nações um povo para o Seu nome (Atos 15:14). A promessa de Cristo foi que Ele “edificaria a sua igreja” (Mateus 16:18). Ele comissionou os Seus para levar uma mensagem de vida, esperança e salvação, e essa mensagem permeou os limites da terra por muitos séculos. Graças a Deus ela veio até nós. Servimos a um Salvador ressuscitado e estamos ligados a um Rei – embora Ele esteja sendo rejeitado e exilado nos nossos dias. Ele estabelecerá um reino terreno (consideraremos isso em nosso próximo artigo), mas ainda não! Neste ponto, Ele está edificando Sua Igreja – um projeto que logo estará concluído, momento em que Ele virá nos ares e nos levará para estarmos com Ele. Enquanto isso, vivamos para Sua honra nesta dispensação de privilégios incomparáveis.

*Seu propósito é tomar
das nações um povo
para o Seu nome.*



REINO



Conforme destacado no último artigo, temos um tremendo privilégio de viver na era da graça – uma era em que Deus está “visitando os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome” (Atos 15:14), e nosso Senhor Jesus Cristo, como Ele prometeu, está edificando Sua Igreja (Mateus 16:18). Algum dia, muito em breve (talvez hoje), esta obra será concluída, e o próprio Senhor virá como prometeu (João 14:3) e nos levará para estarmos com Ele. Esse será o início do fim da atual Dispensação da Graça de Deus. Em algum ponto após isso (possivelmente simultaneamente, ou talvez algum tempo depois), um tratado de paz será assinado prometendo a paz no Oriente Médio, e o relógio profético recomeçará, dando início a sete anos diferentes de tudo o que o mundo já testemunhou.

Esse período de sete anos (frequentemente referido como “a tribulação”) completará a profecia detalhada e específica do tempo delineada em Daniel 9:24-27. Essa profecia previu eventos que durariam 490 anos (70 conjuntos de sete anos), com um ponto de partida muito específico. Os primeiros 483 anos já foram literalmente cumpridos – 69 conjuntos de sete anos civis reais. Há, portanto, todos os motivos para termos certeza de que o período restante de sete anos também será literalmente cumprido. Os eventos desses anos, especialmente os últimos três anos e meio, são descritos para nós em Mateus 24 e nos capítulos 5 a 19 do Apocalipse (bem como em várias outras passagens das Escrituras). O evento final e culminante desse período será o retorno literal e corpóreo do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores à terra (Apocalipse 19:11-16).

Este dramático e espetacular advento dará início ao reinado literal de Cristo sobre o mundo que é Seu, tanto por direito como Criador quanto por compra como Redentor. Apocalipse 20 afirma que esse reinado durará 1.000 anos – um período mencionado seis vezes nos primeiros sete versículos daquele capítulo. A Teologia Dispensacional aceita essas afirmações claras e permite que elas signifiquem exatamente o que dizem, abraçando de todo o coração a gloriosa expectativa do reinado terreno de Cristo literal de 1.000 anos, comumente referido como “o Milênio”.

Revelação

Assim como a Dispensação da Graça foi marcada por uma revelação direta e notável de Deus em seu início, também é a Dispensação do Reino. Mas, em vez de vir como um bebê humilde em uma manjedoura, Cristo aparecerá como um poderoso conquistador, travando guerra contra Seus inimigos, afirmando Sua reivindicação legítima como governante supremo da terra e derrubando toda oposição. Todo incrédulo na terra será banido de Sua presença, e somente os verdadeiros cristãos entrarão em Seu reino. As palavras de Isaías 32:1 serão cumpridas: “Reinará um rei com justiça” e, pela primeira vez na história humana, um homem realmente administrará o domínio e a justiça com competência perfeita, como sempre foi a intenção de Deus. Nenhum ser humano jamais alcançou este propósito. Adão falhou miseravelmente, e desde então, através das sucessivas eras, o fracasso tem sido um tema constante e recorrente. Mas nesta “era de ouro”, haverá um governo perfeito, justiça para todos, uma terra produzindo em abundância e, efetivamente, todos os efeitos da maldição sobre a criação suspensos. Satanás estará

preso por todo o reinado de 1.000 anos e não terá influência nos assuntos dos homens.

Responsabilidade

A obediência será, mais uma vez, a responsabilidade básica do homem na Era do Reino (como tem sido em todas as dispensações), mas no reino será muito literal e real, com Cristo governando diretamente, exercendo domínio universal e reinando em justiça. Cada membro do reino será, portanto, individualmente responsável por se submeter ao governo divino e viver de acordo com seus padrões justos.

Rebelião

Na maioria das dispensações anteriores, rebelião e fracasso foram vistos logo desde o início dos tempos (por exemplo, o bezerro de ouro na Dispensação da Lei, e a recusa em aceitar a mensagem do evangelho, que já era evidente no início da Dispensação da Graça). Na Era do Reino, a rebelião aberta não será a regra, pois o Rei governará com vara de ferro. Haverá um julgamento rápido e certo sobre qualquer pecado ou rebelião declarada. Como já observado, apenas os justos entrarão no reino (os injustos serão levados para julgamento no final do tempo da tribulação). Mark Sweetnam apropriadamente declara: “O Milênio, assim, começa com um povo redimido e justo em uma terra restaurada e resplandecente”. Mas aqueles nascidos durante os 1.000 anos ainda nascerão com natureza não regenerada e precisarão da salvação pela fé, da mesma forma que aqueles nascidos em todas as outras dispensações.

Quando Satanás for solto, no final dos 1.000 anos, ele, apesar das condições perfeitas na terra e do governo impecável que reinou em retidão e justiça, ainda irá encontrar entre os humanos não regenerados corações receptivos que prontamente se unirão atrás dele para se rebelar contra o Rei! O homem sempre tentou culpar seu ambiente ou influência externa por suas deficiências (começando no jardim com Adão: “A mulher que me deste...”). Esta rebelião final será a prova cabal de que a rebelião do homem vem de dentro de sua natureza miserável e decaída. Mesmo na bendita

perfeição, ele escolherá se voltar contra o governo justo de Deus na terra.

Retribuição

A retribuição final de Deus sobre a rebelião final do homem é rápida e sumária. Apocalipse 20:9-10 afirma: “Desceu fogo do céu e os devorou. E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre”. Esse julgamento terreno final de Deus não só sinalizará o fim do reinado terreno direto de Cristo de 1.000 anos, mas também representará o fim do propósito de Deus para a presente criação. Os elementos desta criação atual derreterão com calor fervente (2 Pedro 3:10), e o que é comumente referido como “o estado eterno” será inaugurado, marcado por “um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21:1), onde a justiça não apenas reinará (como aconteceu durante o Milênio), mas a justiça habitará (2 Pedro 3:13). No alvorecer desta era eterna, João “ouviu uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus” (Apocalipse 21:3).

Conclusão

É impossível, em um artigo tão curto, transmitir adequadamente a maravilha, a glória, o esplendor e o significado deste período de 1.000 anos que está logo acima do horizonte profético do futuro da Terra. Será um momento em que os propósitos de Deus serão todos reunidos e devidamente concluídos. Seus propósitos para o homem, Suas alianças com os patriarcas, Suas perspectivas para Israel e Suas promessas à Igreja encontrarão seu cumprimento perfeito no reinado pessoal e literal de Cristo. Ofuscando tudo isso, porém, será a vindicação pessoal de Deus de Seu Filho, quando Ele “com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou” (Atos 17:31). No mesmo lugar onde uma vez foi desprezado e morto, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores reinará em glória resplandecente, e tudo o que foi tão errado em todas as outras eras será finalmente corrigido com o “Varão de Deus”, por direito no trono de domínio universal.

CONCLUSÃO

Ao longo dos últimos nove artigos desta série, exploramos o amplo arco histórico das relações de Deus com o homem à medida que Ele desdobra Seu plano de redenção através de várias épocas e de diversas maneiras. Contemplamos a constância do caráter de Deus, a natureza inabalável da Sua graça, a base constante sobre a qual Ele abençoa (“somente pela fé”) e a justiça intransigente que marca todas as Suas comunicações e ações. Temos notado, entretanto, como Sua maneira real de interagir com o homem, revelando a verdade e administrando Seu propósito, tem variado em épocas ou eras específicas e definíveis. Isso é o que é conhecido como “Teologia Dispensacionalista” – de fato, um termo um pouco técnico, mas que é importante considerar.

Ao concluirmos esta série, é importante perguntar: Isso realmente importa? É tudo apenas um detalhe técnico? Realmente faz alguma diferença no que acreditamos sobre o futuro, ou como compartimentamos a revelação de Deus para nós em Sua Palavra?

Hermenêutica: Como abordamos as Escrituras?

É óbvio que muitas pessoas de convicções

dramaticamente diferentes leem a mesma Bíblia. Como é possível que diferentes pessoas possam ler exatamente o mesmo texto e, no entanto, chegar a conclusões extremamente divergentes quanto ao seu significado? Em grande parte, isso resulta da abordagem que uma pessoa adota para a leitura e o estudo das Escrituras. Essa é uma descrição muito simples de “hermenêutica” para um leigo. Por exemplo, a Bíblia deve ser lida como uma descrição definitiva de Deus quanto à Sua verdade revelada, com seus ensinamentos interpretados em seu sentido claro? Ou deve ser lida, por exemplo, mais como uma obra de literatura poética, onde diversos leitores podem derivar diversas interpretações do que leem com base em suas perspectivas pessoais, e o verdadeiro significado do autor é envolto em níveis complexos de nuance espiritual e interpretação alegórica?

A Teologia Dispensacionalista é a conclusão natural de uma “Hermenêutica” literal-gramática-histórica; isto é, tomar a Palavra de Deus como significando o que ela diz, com base nas palavras que o autor usa, na maneira como ele as usa e no contexto histórico no qual ele as escreveu originalmente.



Essa abordagem das Escrituras é extremamente importante, não apenas para a compreensão de eventos futuros, mas para todos os aspectos da revelação bíblica. Por exemplo, permite-nos descansar com segurança nas claras promessas de salvação e exige que sigamos especificamente os ensinamentos claros das epístolas do Novo Testamento que tratam da conduta pessoal e da prática da igreja local.

A adoção de uma abordagem dispensacionalista para compreender a revelação progressiva da Bíblia produz uma série de implicações práticas muito importantes para nós em nossa presente caminhada com o Senhor.

Consistência na Revelação Divina

Podemos confiar que quando Deus diz algo, Ele quer dizer exatamente o que diz. Por exemplo, quando Ele fez promessas a Abraão sobre uma terra e sobre uma descendência, Ele as quis dizer exatamente como Abraão as entendeu. Quando Ele prometeu a Davi que o Messias (Jesus Cristo) viria de sua linhagem e estabeleceria um reino duradouro, Ele quis dizer exatamente isso. As profecias do Antigo Testamento sobre o nascimento, vida e morte de Cristo foram literalmente cumpridas. Há todos os motivos, portanto, para esperar que todas as Suas promessas e profecias ainda a serem cumpridas sejam cumpridas da mesma forma. Isso nos dá grande confiança de que podemos confiar

incondicionalmente no ensino claro da Palavra de Deus. Ele nunca vai nos enganar com algum significado oculto que contradiga a promessa clara de Sua Palavra.

Clareza na compreensão das diferenças óbvias nas Escrituras

Nas Escrituras, há mudanças óbvias na maneira como Deus interage com a humanidade em diferentes épocas. Por exemplo, Ele desceu para caminhar com Adão no jardim; Ele apareceu a um homem, Moisés, na montanha quando a lei foi dada; Ele desceu “em carne” e “habitou entre nós” nos registros do evangelho; Ele habita em cada cristão agora nesta Era da Igreja na pessoa de Seu Espírito; e Ele virá pessoalmente em uma era vindoura como o Rei dos reis e Senhor dos senhores e reinará em justiça no mundo onde foi rejeitado. Da mesma forma, a maneira de se aproximar de Deus era muito diferente sob a lei do que é em nossa presente dispensação da graça. Um sistema terreno de sacrifícios de sangue e um sacerdócio terreno funcional foi substituído por um santuário celestial ao qual todo cristão tem acesso ilimitado e um trono de graça ao qual eles podem vir com ousadia. O dispensacionalismo não inventa nem injeta essas diferenças óbvias; elas já estão aí. Mas uma compreensão da verdade dispensacionalista provê uma estrutura consistente e compreensível que explica essas diferenças em seus contextos e



reconhece um desenvolvimento consistente e progressivo da revelação divina em todo o escopo da história redentora.

Certeza quanto ao Futuro

Uma visão dispensacionalista das Escrituras nos permite interpretar literalmente as promessas específicas do Senhor para o futuro. Ele virá novamente, assim como disse, “para que, onde eu estiver, estejais vós também” (João 14:3). Ele então retornará à terra com força, poder e glória para reinar em justiça por 1.000 anos. O propósito original de Deus para a terra será finalmente cumprido. Um homem terá o domínio e, em contraste com o primeiro homem que falhou miseravelmente, este “segundo homem” governará e reinará com perfeita competência. A terra produzirá em abundância. A justiça perfeita permeará todos os aspectos da vida neste planeta sob Sua administração, e no lugar onde Ele foi humilhado e envergonhado, um Cristo glorificado será vindicado em um reinado glorioso.

Abraçando Corretamente Nosso Mandato Atual

A compreensão clara das distinções entre a era da lei, a era da graça e o vindouro Reino Milenar fornece um entendimento concreto do nosso papel como cristãos hoje. Nosso mandato é espiritual: pregar o evangelho, ensinar a verdade de Deus, ver almas salvas e ver os cristãos crescerem. O Senhor está “edificando Sua Igreja” e, quando essa construção estiver concluída, Ele voltará para nos chamar de volta para casa, o relógio profético recomeçará e Seu reino será inaugurado. Compreender esta verdade nos preservará do emaranhado fútil da política, prioridades erradas e filosofias deste mundo perdido.

Conclusão

A verdade dispensacionalista não se destina

apenas a servir de grão para o moinho da controvérsia. Não é uma estrutura acadêmica sobre a qual discutimos incessantemente. Em vez disso, deve suscitar em nossos corações uma resposta de admiração e adoração, como fez com o apóstolo Paulo: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! [...] Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!” (Romanos 11:33, 36)

*A compreensão
clara das distinções
entre a era da lei,
a era da graça e
o vindouro Reino
Milenar fornece um
entendimento concreto
do nosso papel como
cristãos hoje.*